

# Alfabetização em tempos de escola remota

Jornal da Universidade / 15 de julho de 2021

## Artigo | Ana Paula Rigatti Scherer, docente do curso de Fonoaudiologia, apresenta atividades voltadas a professores e familiares de crianças dos primeiros anos do ensino fundamental

\*Por: Ana Paula Rigatti Scherer

\*Foto: Flávio Dutra/Arquivo JU 19 jan. 2021

Mesmo antes da pandemia, o ensino da leitura e da escrita no Brasil era preocupação de pesquisadores de áreas afins da Educação, principalmente da Psicologia, da Linguística e da Fonoaudiologia. Além das baixas notas do IDEB, a última Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) revelou que 55% das crianças que concluem o 3.º ano do Ensino Fundamental apresentam níveis insuficientes de leitura. Nas escolas privadas, os números são um pouco melhores, mas também desafiam professores na busca de melhores resultados.

As condições sociais muitas vezes são a causa desses resultados; verifica-se, no entanto, que a formação do professor parece estar acima desse fato, já que educadores de escola privada também estão em busca de respostas para melhor ensinarem.

*O aprendizado da leitura e da escrita – alfabetização – precisa ser tratado de forma interdisciplinar, possibilitando que, além da Educação, outras áreas que tratam da aquisição da linguagem e suas modalidades, dos processos cognitivos e das peculiaridades da língua possam estar juntas.*

Este site utiliza cookies para uma melhor experiência de utilização. Ao navegar você aceita a política de cookies .

Aceito

possam embasar o processo pedagógico de crianças em alfabetização. O grupo é formado por estudantes e fonoaudiólogos do curso, linguistas, professores e docentes de diversas universidades. A iniciativa começou há 14 anos como um grupo voluntário e, na UFRGS, como Programa de extensão, está na 6.<sup>a</sup> edição, ou seja, há 6 anos.

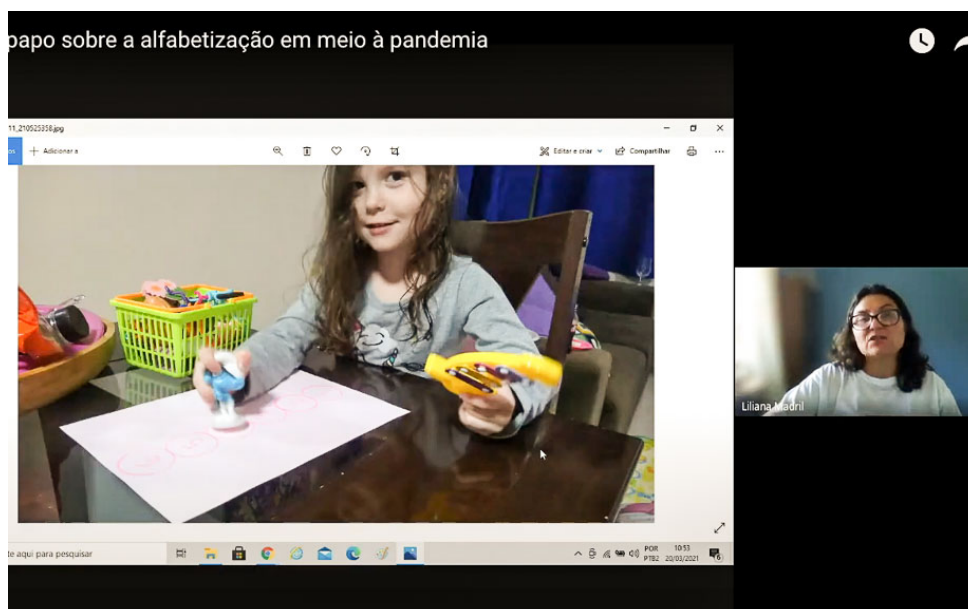
Com o advento da pandemia, as dificuldades no ensino passam a ser ainda mais complexas, pois, além dos desafios da própria alfabetização, agora temos o desafio dos recursos tecnológicos e a falta de acesso a eles. Nas escolas públicas, a situação foi ainda mais difícil, pois a maioria das famílias não tem acesso adequado à internet, aparelhagem e ambiente favorável ao estudo.

Outra dificuldade encontrada neste período, tanto em escolas públicas como privadas, foi a participação das famílias: além de precisarem acompanhar as atividades dos filhos, os responsáveis percebiam que não eram habilitados para tal função, sofrendo um misto de preocupação e frustração. Sem falar na dificuldade de estarem presentes, pois muitos seguiam trabalhando para manter o sustento da casa.

Antes da pandemia, até março de 2020, o programa realizava suas atividades mensais de formação na Faculdade de Odontologia da UFRGS, reunindo de 50 a 80 pessoas por encontro.

De forma remota, o ALETRA buscou desenvolver três formas de aproximação: (a) um canal no [YouTube](#) com pequenos vídeos para professores, famílias e crianças que pudessem auxiliar tanto no trabalho pedagógico como no apoio dos responsáveis. Foram postados 17 vídeos, trazendo explicações teóricas, brincadeiras, atividades e conversa com pais e professores sobre o momento vivido; (b) uma pesquisa com professores alfabetizadores com o intuito de saber como estão atuando no ensino remoto; e (c) duas lives com membros do grupo e com profissionais convidados sobre





Acima, ação remota de participante do ALETRA, grupo formado por estudantes e fonoaudiólogos, linguistas, professores e docentes de diversas universidades que atua na formação de profissionais envolvidos com os processos pedagógicos de crianças em alfabetização. Na imagem de capa, escola estadual fechada durante a pandemia, em janeiro passado.

Na live mais recente, mediada pela professora Gabriela Freitas, da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre e integrante do ALETRA, a discussão foi importante para tranquilizar as famílias quanto ao seu papel de “pais”, e não de “professores”, neste momento. A psicóloga do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS) do Curso de Psicologia da UFRGS Denise Yates reforçou a importância de acompanharem os filhos no que for “possível ser feito, com qualidade e tranquilidade”. Ao mesmo tempo, a coordenadora do Programa, Ana Paula Scherer, mãe de uma criança em processo de alfabetização, citou algumas ideias simples que podem ser realizadas em casa e que favorecem o desenvolvimento da linguagem, qualificando o processo de alfabetização: “Enquanto a mãe lava a louça, pode pedir que a criança procure objetos na cozinha que comecem com determinado som de letra, por exemplo: /a/ = armário”.

*Para os professores, foi importante no sentido de estimular que façam seu trabalho com qualidade, reconhecendo os limites tanto pedagógicos como tecnológicos do ensino remoto. A*

Este site utiliza cookies para uma melhor experiência de utilização. Ao navegar você aceita a política de cookies .

Aceito

*de vídeos, ou até mesmo de áudios, é muito importante: “Ouvir a voz do professor faz toda a diferença, pois a voz aproxima, aconchega. É muito diferente de uma folhinha ‘fria’ que você envia”.*

O ALETRA, como grupo de extensão e pesquisa, segue desenvolvendo atividades de forma remota na esperança de um futuro em que possam ocorrer encontros presenciais novamente. No entanto, acredita-se que essa situação tenha facilitado o acesso de professores de outros estados do Brasil e do interior do RS, os quais dificilmente participariam presencialmente dos encontros. Talvez o contexto remoto possa seguir aproximando mais pessoas da Universidade, mostrando que para se fazer “presente” nem sempre é necessário estar perto.

[Ana Paula Rigatti Scherer](#) é professora do departamento de Odontologia Conservadora e docente do curso de Fonoaudiologia.



## POSTS RELACIONADOS:

Viviane Jungblut: a água e o chão

Programa de extensão Histórias e Práticas Artísticas oferece

Este site utiliza cookies para uma melhor experiência de utilização. Ao navegar você aceita a política de cookies .

Aceito